

A MORTE COMO TEMA DE PESQUISA E AS POSSIBILIDADES EM CAMPO

Antônio Renaldo Gomes Pereira¹

Resumo: Este relato de pesquisa trata-se da análise de um ritual de culto aos mortos no qual as relações entre vivos e mortos se dão a partir da oferta de água que cria e mantém um elo entre os sujeitos possibilitando a troca de benefícios. Verifiquei a ocorrência de tais atividades votivas em algumas mesorregiões do semiárido cearense. Para este trabalho, realizei pesquisas de 2016 a 2020 em um campo que se limitou, por fim, ao povoado de Almas, Cariré/CE. A partir das observações foi possível perceber reconstruções e ressignificações de diversos elementos. Realizei no período, a pesquisa exploratória seguida pelo levantamento bibliográfico e por fim a incursão etnográfica no qual foram observados aspectos da vida cotidiana e realizadas entrevistas semiestruturadas, além das conversas informais que foram de suma importância nas tomadas de decisões ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Antropologia da Morte; Metodologia de pesquisa; Práticas mortuárias; Culto aos mortos.

INTRODUÇÃO

O presente relato refere-se à pesquisa vinculada ao Mestrado Acadêmico, em curso, intitulada “Sede Eterna: as relações com os mortos no povoado de Almas”, apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA UFC/UNILAB em 2018 que tem como objetivo etnografar o culto aos mortos no povoado de Almas, município de Cariré/CE, compreendendo-o a partir da relação mediada pela água, que se constitui em atividade votiva. Tais relações possuem linguagem e significados particulares em sua complexidade, que se relacionam diretamente com o que está posto nas relações culturais que se estabelecem entre vivos e mortos, seus afetos, desejos, memórias e tradições. Para tanto, se faz necessário analisar “aspectos da vida do sertanejo refletidos no sagrado e amparados, de certa forma, numa religiosidade popular que possui características híbridas e traços plurais” (PEREIRA; PAULINO, 2020, p. 139).

Verifiquei, pela primeira vez, a ocorrência de garrafa pet com água em oferta aos mortos, em setembro de 2016, em decorrência de um trabalho de pesquisa sobre “acesso e

1 Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará; Graduado em Pedagogia pela UNIDOMBOSCO; Mestre em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e Especialista em Ensino Religioso pela Faculdade Única de Ipatinga.

qualidade da água no semiárido cearense”, realizado para Alicia Cooperman, doutoranda da Columbia University. O que avistei me deixou curioso. Em uma estrada de barro vermelho e paisagem árida, a caminho de uma comunidade rural do município de Ibiapina, um amontoado de garrafas pet verde sobre uma pequena elevação de terra com uma cruz ao topo e ao investigar, me vem a resposta de um senhor que nos acompanhava pela cidade; ele diz tratar-se de “água para os mortos”, “para matar a sede dos mortos”. (PEREIRA; PAULINO, 2020, p. 144). A partir daí, essa pesquisa tem início.

Trato de elaborar uma reflexão sobre um dos tantos rituais de veneração aos mortos que ocorrem no sertão brasileiro, a partir dos estudos bibliográficos e incursões etnográficas. Inicialmente, como também já adiantei, o tema da minha pesquisa está voltado para as relações entre vivos e mortos no semiárido. Quando me ocorreu o assunto, procurei de imediato entender o que se passava. Em primeira mão, conversei, de forma espontânea, sem nenhuma pretensão, com pessoas que têm conhecimento dessas relações e, porventura, tenham-nas praticado ou as pratiquem. Posteriormente, busquei na literatura geral as formas utilizadas para apresentar tal prática aos leitores. Até então, nenhuma das formas de culto aos mortos que pude encontrar na literatura se encaixava com a prática que observei em campo exploratório realizado por acaso em 2016. Daí percebi a necessidade de documentar e refletir sobre tal prática mortuária.

A intenção de trabalhar sobre as práticas mortuárias praticadas no semiárido cearense surge a partir de reflexões e estudos que empreendi ao longo do ano de 2017 com base nos conhecimentos adquiridos nas atividades práticas e teóricas das disciplinas de Antropologia da Religião, no Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC e vivências em terreiros de religiões de matriz africana possibilitaram um olhar diferenciado sobre as práticas sociais e culturais relacionadas às ofertas votivas realizadas para a manutenção das relações entre vivos e mortos no sertão cearense. A construção da reflexão foi possível ao verificar os modos de ver, classificar e gerenciar o rol de possibilidades de oferendas a serem utilizadas no ritual a fim de estabelecer um contato em duas vias, tendo em vista que, em alguns casos são realizados pedidos de intervenções aos mortos.

AS REFERÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Autores de diferentes orientações discutiram este tema, todavia, cada um o fez a partir de interesses e realidades particulares. Émile Durkheim (2003) demonstra que os ritos

fúnebres e as práticas mortuárias se dedicam ao fortalecimento da estrutura social de cada grupo, afirmando que o sistema religioso converge para a preservação do próprio povo. Philippe Ariès (2017), por seu turno, teoriza sobre a “morte do outro”, quando o homem ocidental procura um novo sentido para a morte. A partir de então, o indivíduo se desprende um pouco mais de seu fim; desta forma, a ‘morte do outro’ entra em cena. Sentimentos de saudade e lembrança propiciam um novo culto à morte, o culto aos túmulos e cemitérios, que passam a ser o espaço dos enterramentos modernos (PEREIRA; PAULINO, 2020, p. 142). Destaco a afinidade teórica e metodológica com essa reflexão, visto que o autor alega que a morte, a partir do século XVI, ganha o mundo do imaginário e passa a ser erotizada, associada ao amor literário, ao querer o outro para sempre consigo.

Marcel Mauss (2005), em *A expressão obrigatória dos sentimentos*, trata dos rituais funerários nos cultos australianos, demonstra que todos esses rituais são fenômenos sociais “marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade e da obrigação mais perfeita” (p. 325). Esses signos, entendidos como formas de socialização da morte nos ritos fúnebres e práticas mortuárias realizados no sertão nordestino estão expressos no choro diante do cadáver, nos cânticos apresentados como ladainhas e ‘incelências’, nos rituais de beber o morto, nas sentinelas, nos cortejos fúnebres, nas oferendas, dentre outros.

Manuela Carneiro da Cunha (1978) analisa o ritual funerário e o tratamento que se dá ao morto seguido pelas oferendas ao karõ entre os indígenas Krahó. Alcinéia Rodrigues dos Santos (2005) se dedica ao estudo do imaginário e das atitudes perante a morte, as representações da morte e práticas mortuárias no Seridó.

Nos trabalhos mencionados acima, há um ponto de convergência que pode ser entendido na reflexão de Alcinéia dos Santos ao afirmar que “as atitudes e representações em torno da morte são concepções de uma sociedade particular com costumes que se coletivizaram” (2005, p. 59). Essa síntese vai ao encontro do que observo ao centrar-me no estudo das relações com os mortos no povoado de Almas, onde a água serve de elo entre os mundos, considerando diferentes formas de pensar a ação, a fim de traduzir, dar visibilidade e significado aos conhecimentos.

Considerarei, ainda, as concepções apresentadas por Malinowski (1978) ao indicar que o etnógrafo deve cobrir todos os aspectos da cultura em estudo, sem estabelecer diferenças e nem apontar o que é comum ou aquilo que surpreende. Em suma, todos os pormenores foram analisados para a tomada de decisões ao longo do processo.

Os aspectos metodológicos desta pesquisa foram se reconstruindo ao longo do percurso e das necessidades em campo. Sua dinâmica se deve às observações e surgimento de novas propostas de campo que resultaram na readequação da ótica empreendida por mim baseada no espaço utilizado pelos praticantes para a realização do ritual.

AS INTERLOCUÇÕES E O TRABALHO DE CAMPO

As principais técnicas de que me servi foi a incursão etnográfica e a realização de entrevistas semiestruturadas com praticantes desse tipo específico de culto aos mortos do município de Cariré, em sua maioria, residentes no povoado de Almas.

Interessa-me apreender, através da experiência etnográfica criteriosa e planejada, as circunstâncias, temporalidades e motivações a fim de pôr aos sujeitos questões que me possibilitem explicar e interpretar as particularidades de um culto aos mortos no qual a água tornou-se o elemento capaz de atender a diversas expectativas, como saciar uma “sede eterna”, pacificar um espírito ou até mesmo purificar o ambiente em que o túmulo está localizado (PEREIRA; PAULINO, 2020).

A delimitação do campo foi um ponto crucial. Não pensei sobre isso até o momento da construção do projeto de pesquisa. No entanto, foi necessário um conhecimento prévio do território, de alguns sujeitos e informações que foram obtidas anteriormente. Sobre isso, Rosana Guber (2013, p. 99) sinaliza que “el campo ya esta acotado en la concepción del investigador, en los conceptos teóricos que emplea y en su objeto de investigación, pues se parte de ciertos conocimientos provisórios sobre el ámbito y los eventuales interlocutores”. Após algumas discussões com professores e colegas sobre as relações entre vivos e mortos empreendidas por pessoas de comunidades rurais do interior do Ceará e minhas perspectivas em relação a categorizar tais relações como ‘ritual’, chego realmente à conclusão de que sim, posso finalmente tratá-las como ‘ritual de culto aos mortos no semiárido cearense’.

A partir dos relatos e acompanhamento das atividades de culto aos mortos no sertão cearense, em especial os que são realizados no município de Cariré, durante os anos de 2016 a 2020, período que se estende ao reservado ao Mestrado, foi possível apresentar questões aos interlocutores que possibilitasse a compreensão e análise de suas determinações em dedicar tempo aos mortos ofertando água e outros objetos.

Destaco a vertente teórica apreendida na disciplina de Métodos de Pesquisa Antropológica, sobretudo os apontamentos de Rosana Guber (2011; 2013) acerca do trabalho de campo etnográfico e as reflexões empreendidas pela autora sobre “participar para

observar” e “observar para participar”, alinhada ao que Teresa Caldeira (1988) discorre sobre a transformação do antropólogo ao entrar em outra cultura e a reelaboração de sua experiência ao sair dela. Inspirado nessas reflexões, procurei me relacionar com as comunidades do município de Cariré onde as pessoas realizam o culto aos mortos em tela e traçar um perfil dos praticantes no intuito de conhecer algumas variáveis, como sexo, idade, orientação religiosa, formação escolar etc., a fim de perceber o envolvimento e o conhecimento sobre a realização do ritual de culto aos mortos.

Realizei cinco curtas viagens de campo, seis ou sete dias cada, onde tratei de rever alguns questionamentos resultantes das anotações que fiz durante as primeiras visitas a povoados da região em 2016. A partir desse momento, o contato via internet ou telefone tem ocorrido periodicamente a fim de esclarecer indagações que surgem no decorrer das análises e reflexões.

A entrevista realizada por um desconhecido chama a atenção do sujeito e limita suas falas e para que se obtenham informações espontâneas e de profundidade se faz necessário criar um clima de tranquilidade e confiança entre os sujeitos da pesquisa. Para tanto, estive acompanhado, na maior parte do tempo, de alguém conhecido das pessoas da localidade ou mesmo algum interlocutor que me acompanhava pelas ruas e me apresentava outras pessoas, a fim de me tornar ‘menos estranho’ a outros possíveis interlocutores. Procurei observar e entender um pouco do universo do sertanejo para pôr em pauta algum assunto ligado ao seu cotidiano, tais como o artesanato produzido na comunidade, o tipo de plantio que costumam fazer, a religiosidade ou mesmo o clima, para dar início às conversas. A temática morte seria incluída em seguida, logo que o fluxo de informações adquirisse consistência e confiabilidade.

As informações colhidas e observações do campo deram suporte para a preparação das entrevistas, que permitiram entender o significado das relações com os mortos na vida do sertanejo e como o cotidiano afeta e/ou influencia a constituição do ritual, desde o ambiente em que se realiza até os elementos ofertados no processo.

O CAMPO E OS SUJEITOS

Em campo estão o pesquisador e o nativo compondo uma relação de interlocução na qual um detém o conhecimento sobre as ideias e práticas locais e o outro deve ser conhecedor dos métodos para apreensão e tradução dessas ideias discorrendo “sobre o discurso de um nativo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.113), mas quem seria esse nativo

e para quem? Segundo Arjun Apadurai (1988), o termo nativo, comumente, é usado para referir-se a pessoas que nasceram em um lugar onde o antropólogo está observando ou escrevendo sobre ele, pois essa pessoa teria nascido naquele local e conseqüentemente pertenceria a ele. Segundo o autor, o nativo é visto como a pessoa que está encarcerada ou confinada em um lugar e tem conexão com o que o lugar permite, mas ele alerta sobre esse pensamento indicando que alguns povos também podem ser considerados nativos sem que tenham uma ligação contínua com um único espaço e exemplifica com os aborígenes australianos, os nômades da Ásia e os agricultores do sudoeste asiático, para esses, o autor diz que mesmo ocupando um terreno espacial maior, eles continuam encarcerado. “A maioria dos grupos que os antropólogos estudaram foram de alguma forma afetados pelo conhecimento de outros mundos, mundos sobre os quais pode ter apreendido por meio da migração, comércio, conquistas ou narrativas indígenas”. “Os nativos são, portanto, criaturas da imaginação antropológica” (APADURAI, 1988, p. 39).

A relação entre esses sujeitos, antropólogo e nativo, se apoia na noção de alteridade, ou seja, a pressuposição de que a relação de um com a sua cultura não é a mesma que a do outro. Enquanto um usa a cultura, o outro é usado por ela. O jogo se constrói numa relação em que o antropólogo teria a vantagem epistemológica e o discurso dependeria do nativo para ter um sentido, mas é o antropólogo que “explica e interpreta, traduz e introduz, textualiza e contextualiza, justifica e significa esse sentido” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 115).

Neste trabalho, optei pelo não-anonimato dos meus interlocutores. Para tanto, considereirei que nem tudo que foi dito por eles em entrevistas formais, observações de campo, relatos e/ou conversas, ao longo do nosso convívio, devem ir a público. Ciente de que isso exige maior atenção na escrita empreendida, sinto que devo dar nomes reais aos personagens que estão colaborando na construção deste trabalho. Portanto, pretendo manter nomes de lugares e pessoas tais quais são conhecidos pela comunidade em geral, não pelo medo de estar a escrever uma ficção, na acepção de falsidade ou algo que se opõe a verdade, pois “os escritos etnográficos podem ser adequadamente chamados de ficções no sentido de algo feito ou modelado” (CLIFFORD, 2016, p. 37). Devo observar e refinar bastante as interpretações realizadas a partir das interpretações empreendidas pelos meus interlocutores e outros sujeitos envolvidos (GEERTZ, 1978), reelaborando minha experiência em campo, “de modo a transformá-la em uma descrição objetiva (científica) da cultura com um todo”

(CALDEIRA, 7 1988, p.137), a fim de levar a público somente o necessário, de forma que não haja dano aos meus interlocutores, primeiramente.

Entre os entraves que me deparei em campo, o mais curioso é o fato de alguns interlocutores assumirem um perfil de não-aptos, segundo eles, para dar informações sobre qualquer coisa que ele não tenha propriedade absoluta. Alguns fatores, como grau de instrução escolar, não ter sido testemunha do fato, não entender do assunto, são elencados por eles como motivo para sentir-se não habilitado a dar as informações. A fala a seguir expressa, em parte, o que sente um dos interlocutores para esta pesquisa, em relação a apresentar opiniões e dar referências e informações. “Tinha uma índia, eu ia contar isso, mas num sei o início nem o final, eu ouvia falar. Eu sei de nada. Depois vão falar que foi eu que disse. Eu num sei de nada, que eu não estudei, só aprendi a assinar meu nome. Eu não sirvo pra testemunha, eu não vi”, desabafa. Outros interlocutores demonstraram algum sentimento em relação a isso, mas na frequência das visitas e conversas o processo informativo foi se desmistificando e a construção de um novo olhar sobre si próprio foi possível. É importante esclarecer que em nenhum momento evidenciei ou deixei transparecer em vocabulário, atitudes, vestimentas ou qualquer coisa que me distingue deles; talvez o fato de ser pesquisador e não residente em Almas tenha contado nesse momento, contudo, procurei me adequar à realidade local.

OS SUJEITOS EM CAMPO

No decorrer da pesquisa, o campo sagrado para a oferta de água e outros objetos aos mortos se estende ao tempo que a pesquisa de campo se desenvolve e passo a observar a ocorrência de oferendas em cemitérios. Pela forma que se constitui o ritual, minha hipótese inicial é de que essa tradição seja o resultado do hibridismo entre culturas indígenas, europeias e africanas que ao longo do tempo se solidificaram no imaginário, reconstruindo a memória coletiva local e, hoje, se apresenta como um evento original, posto que se desenvolve em um ambiente geograficamente diferenciado, habitado por um povo singular imbuído numa religiosidade expressivamente plural, do qual surgiram ramificações dentro do próprio culto, sendo possível verificar óticas distintas sobre o papel da água dentro do ritual.

Pode-se, mesmo que de forma superficial, compreender a importância dada ao elemento água nos rituais mortuários para a manutenção de vínculo com os mortos na tentativa de reparar algum sofrimento vivenciado pelo indivíduo nos seus últimos momentos.

Abordo questões relativas a esse tipo de culto aos mortos, dentre as quais têm destaque aquelas que se referem à ressignificação e elevação do elemento água ao nível máximo como oferenda dentro do ritual e o que motiva os devotos a realizarem tal feito. Saliento que esse costume tornou-se comum entre as representações e ideias sobre a morte e aos poucos se solidificou entre as práticas mortuárias dos sertões do semiárido.

O UNIVERSO DA MORTE E AS DIFICULDADES QUE ELE IMPÕE

Pesquisar um universo como o da morte é um desafio, embora muitos já tenham adentrado nos estudos referentes à morte, aos mortos e às relações entre vivos e mortos – seja por um viés histórico, sociológico, antropológico ou literário. A tarefa apresenta, na maioria do tempo, um árduo caminho a ser percorrido.

Se esse universo de signos e representações parece ser comum a todos, ao tratá-los, percebo que é um conjunto de informações difícil de apurar, já que as pessoas irão evocar memórias de entes queridos que passaram pela experiência de morte e de suas próprias vivências em relação ao cuidado que se dá aos mortos durante os ritos fúnebres e das práticas mortuárias que se realizam ou de que ouviram falar. Posto que, para muitas sociedades, a morte não é o fim, perde-se a matéria física e permanece a energia, tal energia, ao longo dos tempos, tem sido denominada alma ou espírito.

A “morte é, portanto, um corpo insubstancial, algo que existe em um estado material estranho a tudo o que concebemos em vida. Uma vez que são necessários tantos eufemismos para substituir ou amenizar o termo morte, fica explicitado o mal-estar em torno dele” (DE FRANCO, 2010, p. 15). Tratar desta temática “é um esforço que demanda uma atitude de compreensão íntima e de observação externa” (GOLDBERG, 2017, p. 9). Dessa forma, abordar o tabu da morte é, por vezes, solitário, assim como o ato de morrer.

Verdade que a própria palavra morte, não sendo bela, tem, contudo a sua dignidade; tanto ela como as que dependem do seu radical: morto, mortal, mortalidade. Porém, todos os demais vocábulos que com a morte se relacionem, quando não são simplesmente horríveis, são ligeira ou pesadamente sobre o grotesco (QUEIROZ, 2002, on-line).

Por diversas vezes, me deparei com pessoas que se dispõem a conversar sobre as tradições e crenças locais, mas quando o assunto morte/ofertas aos mortos vêm à tona, elas preferem não comentar sobre o tema.

Para superar os desafios, na falta de interlocução para o desenvolvimento do presente trabalho e das reflexões baseadas nas leituras, o trabalho de campo surge como solução. Não

é fácil tratar da temática com as pessoas que dedicam certo tempo do seu dia para manter algum tipo de relação com os mortos, sobretudo porque esses mortos são parentes e mesmo que tenham vivenciado o luto, a superação da perda não parece ter sido completa, então os vínculos são mantidos a fim de, primeiro de tudo, sentir o ente querido como um ser que permanece consigo. Embora não seja humano, esse ente querido vive na memória dos vivos, e sua forma espiritual é capaz de agenciar benesses aos vivos que porventura dediquem parte de seu tempo e atenção a eles, agenciando um conjunto de atividades que visam satisfazer o espírito do morto. Isso nos remete à noção de crença cunhada por Pouillon (2016) ao concebê-la como uma “ideia que se considera verdadeira e à qual se dá todo o crédito”, assim se constroem essas relações. Para Peter Gow (1998), “eles não ‘acreditam’: é verdade! É um saber sobre o mundo” (apud GOLDMAN, 2003, p. 449). Em campo pude observar o quanto as oferendas são necessárias e importantes, considerando que alguns praticantes realizam tais atividades desde que “se entendem por gente” e desejam que ao morrer, outros membros da família dediquem tais ofertas em favor da sua alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas que envolvem a temática morte exigem sensibilidade apurada por parte do pesquisador e empatia em relação aos interlocutores porque trata-se de um tema que busca no íntimo dos sujeitos as informações necessárias para a compreensão do que se busca. Tais informações trazem à tona memórias que podem ser bastante duras para o sujeito. Por vezes, pude verificar lágrimas rolando no rosto de alguns de meus interlocutores ao relatar fatos que foram marcantes na convivência entre eles e o seu ente querido que partiu para uma outra vida, em determinada situação parei e perguntei se precisava de um tempo ou queria encerrar a conversa. Compreender como se constrói e se mantém esse tipo de relações com os mortos por gerações traz uma série de implicações, tanto porque você tem que adentrar em uma comunidade que geralmente você não tem convívio e ter a seu lado pessoas que desejem compartilhar suas histórias de vida e memórias.

O campo é uma incógnita até que você adentre de verdade, não há como ter certeza sobre o que espera encontrar e o pesquisador tem que estar preparado para qualquer situação. As leituras sobre metodologias de pesquisas e etnografias ajudam a compreender certos aspectos que porventura podem surgir. O que é mais importante entender e ter em mente é que tudo muda constantemente e que devemos estar preparados para seguir o curso dessas mudanças.

REFERÊNCIAS

- APADURAI, Arjun. Putting hierarchy in its place. In: **Cultural anthropology**, v. 3, n. 1, p. 36-49, 1988.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias** / Philippe Ariès; tradução P. V. Siqueira. - [Edição Especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- CALDEIRA, Tereza. A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, p. 133-157, jul. 1988.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- CLIFFORD, James. Introdução: verdades parciais. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.
- COULANGES, Fustel. **A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: HEMUS, 1975.
- DE FRANCO, Clarissa. **A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- DOS SANTOS, Alcinéia Rodrigues. Temp(l)o da salvação: representações da morte e ritos fúnebres no Seridó nos Séculos XVIII e XIX. **Revista Inter-legere**, Natal, Nº 5, p. 46-65, 2013.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Mirian Steffen; PETERS, Roberta. (Org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 205-227.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOLDBERG, J.P. Prefácio. In: ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias** / Philippe Ariès; tradução Priscila Viana de Siqueira. - [Edição Especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.
- GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo**. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- GUBER, Rosana. **Método, campo y reflexividad**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia** / Marcel Mauss; Tradução: Luiz João Gaio e J. Guinzburg. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes; PAULINO, Antonio George Lopes. Sede Eterna: notas preliminares de um ritual de culto aos mortos no Ceará. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 57, p. 139-150, 2020.

POUILLON, Jean. “Remarks on the verb ‘to believe’”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 6 (3), p. 485–492, 2016.

QUEIROZ, Rachel de. Culto aos mortos. In: *Academia Brasileira de Letras*, 2002. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/culto-aos-mortos>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.